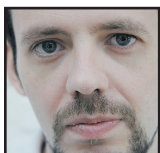


ORGÂNICO SINTÉTICO

Se existe um tema que mexe muito comigo atualmente é a guerra ideológica travada entre orgânicos e sintéticos. Lembrando, sons orgânicos são todos aqueles gerados de forma não sintética. Nesta categoria, enquadram-se todos os instrumentos reais tocados por músicos reais (um guitarrista tocando uma guitarra, um baterista tocando bateria, um cantor cantando e mais uma infinidade de coisas, cordas, madeiras, metais, percussões...)



Ticiano Paludo é produtor musical, publicitário, músico, compositor e sound designer. Leciona Áudio Publicitário e Atendimento na FAMECOS - Faculdade de Comunicação Social (PUC/RS) - e Arranjo e Produção Musical Nível III no IGAP - Instituto Gaúcho de Áudio Profissional.
<http://www.pontowav.com.br/hotsite/>

E o que são os sons sintéticos? A resposta é: tudo aquilo que é artificial ou semi-artificial. Por exemplo, um som gerado por um sintetizador é um som eminentemente artificial. Agora, peças de uma bateria que foram gravadas, sampleadas e programadas via linguagem MIDI para gerar uma batida são semi-artificiais. Ou seja, sons semi-artificiais (se preferir, semi-orgânicos) são aqueles gerados em um primeiro momento de forma orgânica (eu capto e gravo um baterista tocando um kick, uma snare, um hi-hat, ...) para, posteriormente manipular esse grupo de amostras de som através de interfaces digitais via informática e/ou através de um hardware (como um sampler, por exemplo).

Porto Alegre, cidade na qual nasci e onde moro e atuo profissionalmente (embora com a soma de web + avião + SEDEX eu acabe atuando em quase todas as partes, incluindo Europa, Japão e EUA), é conhecida por ser uma cidade roqueira. Não só isso, roqueira e muito conservadora. Dá para contar nos dedos (exagerando, de uma só mão) a quantidade de artistas que se permitem brincar com sintéticos, que se permitem ir para – fazendo uma piadinha cabível – “o lado sintético da força”. A grande maioria permanece irreduzível no lado orgânico da coisa (inclusive se vangloriando). Mas por que será que acontece isso?

Essa resistência ao sintético (e note, não estou levantando bandeira ou me opondo ao orgânico) mereceria uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado, não de música, mas de psicologia ou antropologia. Existe um lado psicológico fortíssimo atuando aí. A impressão que tenho quando me deparo com artistas conservadores (defensores ferrenhos do orgânico) é que o sintético parece carregar genes que degradariam a sua obra, tornando a estética do trabalho pobre e artificial, conferindo, inclusive, um certo ar amadorístico, algo situado entre a depreciação artística e a falsidade (sendo bem punk, uma venda ao sistema capitalista). Para muitos de vocês que estão lendo isso, pode parecer absurdo defrontar-se com uma ideologia dessas em tempos de Internet e informática, mas é a mais pura realidade (e sei que este exemplo, embora ocorra freneticamente aqui, não é isolado, muito menos exclusivo do Brasil). A coisa chega a tal ponto que o artista prefere não usar uma batida em determinada gravina (por não ter banda de

apoio) do que programá-la. Acho hilário quando utilizo um prato Sabian sampleado em determinada faixa e o artista diz assim: “Nossa! Parece um prato de verdade.” A ignorância espanta. Meu caro, não parece, é um prato Sabian. Hoje, como felizmente já me encontro em um estágio da minha carreira em que trabalho não falta e que posso me dar ao luxo de escolher com quem e como trabalhar, simplesmente deletei este tipo de artista do meu hall de clientes. Mas isso continua ocorrendo. Para mim, existe apenas uma explicação: ao reagir dessa

Os plug-ins que utilizamos hoje são (e é sempre bom lembrar) simulações baseadas em periféricos orgânicos/físicos. Como o som é um somatório de frequência e matemática, o que fazem os nossos queridos e engenhosos engenheiros? Analisam o comportamento dos periféricos e desenvolvem programas de computador (os plug-ins) que se comportam de forma similar ao seu par orgânico, ou seja, aplicam algoritmos matemáticos para tratar o sinal da forma mais próxima e precisa possível que um processador de som real o faria. Para o computa-

e todos são eficientes e utilizáveis. Assim, não estou sendo ingênuo de querer decretar o fim dos analógicos e vida longa e incondicional aos sintéticos. Até porque amo os analógicos. Agora, qual o medo? Por que não utilizá-los?

A tecnologia permite, inclusive, que se façam usos criativos diferenciados, impensáveis ou dificultosos até alguns anos atrás. É interessante notar que algumas bibliotecas de samples (como a fantástica Miroslav) têm o cuidado de fornecer apenas amostras absolutamente realísticas. Assim, se eu carregar o timbre de um cello, a região de atuação da amostra será exatamente aquela que o instrumento alcançaria caso fosse executado por um músico ao vivo, tocando um instrumento físico (e não falo músico real, porque quem programa via MIDI não é um fantasma e sim um ser emotivo-pensante de carne e osso). Porém, eu posso me permitir criar uma sonoridade que não precise necessariamente ter relação direta e absoluta com o real, utilizando, para exemplificar, um cello gerado pelo ótimo VSTi *Orchestral* da Ediol, e tocar notas que estão aquém ou além do alcance verdadeiro do instrumento de madeira e cordas. O único limitador aqui é a massa encefálica débil em combinação com neuroses musicais descabidas.

Honestamente, acho que alguns sons sintéticos são mais bacanas do que certos orgânicos e vice-versa. Para masterizar um trabalho, prefiro que o masterizador que trabalhe para mim passe o som por periféricos analógicos. Falo isso, pois a pressão sonora é mais presente, e o som fica normalmente mais encorpado. Até no caso da e-music e do pop (áreas em que

Cada produtor possui a sua lógica própria de trabalho. Eu, por exemplo, jamais utilizo autotune em minhas produções. Ou a criatura canta, ou não canta. Isso é uma questão totalmente particular, uma decisão até ideológica, eu diria

forma, o artista mostra um misto de ignorância e tecnofobia, isto é, medo avassalador da tecnologia. Para muitos, um simples e inofensivo teclado controlador tem a força de um exército de bichos-papões.

Cada produtor possui a sua lógica própria de trabalho. Eu, por exemplo, jamais utilizo autotune em minhas produções. Ou a criatura canta, ou não canta. Isso é uma questão totalmente particular, uma decisão até ideológica, eu diria. No entanto, a tecnologia é maravilhosa e está aí para ser desfrutada. Vários engenheiros e programadores ralaram muito para que hoje, recortar um trecho musical e aplicar um flanger exija apenas alguns cliques de mouse. Bom senso é (e sempre será) a única regra a ser seguida. O resto é pura criatividade. Deixe a mente livre.

Porém, tudo não passa de uma cadeia imensa de zeros e uns (sistema binário). Na verdade, me desagrada o termo real, pois os plug-ins são tão reais quanto um periférico externo físico (ou são fruto exclusivo de nossa imaginação e pensamento?). É claro que existem limitações evidentes nisso tudo. Um pré-AVALON (aliás, sou apaixonado por eles) é um pré-AVALON e um plug-in, por mais elaborado que seja, que deseje emular o seu comportamento (e emular é o termo que me parece mais adequado aqui) jamais será idêntico àquele que lhe serviu de modelo. No entanto, quanto custa um pré-AVALON e quanto custaria um plug-in emulador de AVALON? Um console NEVE será sempre um console NEVE. Cada um possui suas particularidades, sua própria sonoridade,

atuo bastante), já vi diferenças gritantes entre timbres gerados por VSTi's (instrumentos virtuais) em comparação a grooveboxes analógicas, e asseguro que as grooveboxes analógicas deram uma "lavada" nos VSTi's. No entanto, existem sons encantadores gerados de forma sintética. Tudo depende da equação entre proposta estética/artística, orçamento, bons estúdios para captação/tratamento e músicos competentes à disposição.

A queixa infundada de muitos artistas é a de que "dá para perceber que esta ou aquela pista foi programada – e não executada de forma real". Mas, novamente recorrendo à minha experiência, a verdade mostra que este questionamento é infundado. O ouvinte comum nem imagina o que seja uma amostra sampleada, muito menos um VSTi ou um DXi. Ele não é um ignorante completo, é lógico. Certas coisas ele percebe. Porém,

Claro, alguns instrumentos quando programados tendem a soar de modo mais fake, como guitarras, por exemplo. Mas, em determinados casos, é essa mesma a proposta do trabalho

programar uma batida, uma linha de baixo, um ataque de sopros eficiente e convincente, tudo isso requer um mix de técnica, equipamento adequado e boas amostras. E, asseguro: o ouvinte não vai deixar de ouvir uma faixa porque a batida foi programada

e, inversamente, não vai ouvir algo só porque o baterista X tocou à vera (muitas vezes, com um resultado sonoro ruim ou com uma performance que fica a desejar). E os bateristas que não se sintam ofendidos. Assim como utilizei esse exemplo, poderia utilizar qualquer outro. Claro, alguns instrumentos quando programados tendem a soar de modo mais fake, como guitarras, por exemplo. Mas, em determinados casos, é essa mesma a proposta do trabalho. A esmagadora maioria dos artistas consagrados se utiliza desses recursos sem medo. Se eles o fazem, por que você não poderia fazer, também? Sem medo, sem culpa, sem lágrimas.

Eu aponto essa questão porque muitas vezes vi trabalhos que poderiam ficar ótimos nessa roupagem, ou ainda se utilizando desses recursos tecnológicos, caírem na vala comum (e até na sarjeta) graças a esse preconceito infundado, fruto principalmente de falta de informação, capacidade de ousar, inovar e ausência de percepção estética e artística. Inclusive, me diverte o fato de que estes mesmos artistas que acham crime programar uma batida não achem cafona ficar colocando o kick no gride de forma manual, cortando e arrastando no osso (afinal, nos anos 70, por exemplo, essa tarefa seria ingrata e até impossível, de certo modo). Assim como falei do autotune (e o que direi agora é, igualmente, posição minha), acho, sendo duro e áspero, ridículo usar um sound-replacer. Se for para produzir desse modo, que programemos a batida, então. É claro que existem trabalhos que faço em que o orgâni-

co predomina. Mas uso a tecnologia sem medo de ser feliz, sem traumas, me isentando de preocupações absurdas. Tenho coisas mais importantes para pensar. O público co-

Assim como falei do autotune (e o que direi agora é, igualmente, posição minha), acho, sendo duro e áspero, ridículo usar um sound-replacer

mum (e é ele quem me interessa) sempre apreciou as minhas produções e nunca me disse que ter programado algo, utilizando uma amostra ou som sintetizado comprometeu, deixou cafona ou depreciou a obra de alguém. Quem acha isso, na maioria das vezes, são estes artistas atormentados pela tecnologia (e, sem ser rançoso, em muitos casos desprovidos de um talento real e verdadeiro). Eu sempre termino essa discussão assim: olhe onde você está e onde estou eu. Parece exibicionismo? Não é. Sendo menos narcisista então, será que Madonna, U2, Garbage, Marcelo D2, Otto e mais uma lista enorme de grandes artistas é burra? Ou será que as orelhas de burro não estão enfeitando a cabeça desse povo preconceituoso? Vale a reflexão. Nos encontramos aqui no mês que vem. Paz!

e-mail para esta coluna:
tpaludo@uol.com.br